

**Américas cruzadas:  
sobre *Marginalité et communauté dans le roman. Maryse Condé, William Faulkner  
et Rachel de Queiroz*, de Julie Brugier (Classiques Garnier, 2024)**

**Luciano Brito**

Um ponto de partida da reflexão de Julie Brugier em seu novo livro, *Marginalité et communauté dans le roman. Maryse Condé, William Faulkner et Rachel de Queiroz* (Paris, Classiques Garnier, 2024), parece ser uma passagem de Édouard Glissant em *Faulkner, Mississipi*, segundo a qual a memória da economia da *plantation* – comum às histórias das ilhas caribenhas, do Sul dos Estados Unidos e do Nordeste brasileiro – permitiria um exercício de comparatismo entre algumas literaturas provenientes de tais três lugares<sup>1</sup>. É uma ideia convincente, que poderia se vincular a uma rede – solidária, bem-vinda e cada vez mais visível no contemporâneo – de transmissões mútuas de obras e de leituras entre o Caribe, os Estados Unidos e a América latina. Assim, a influência de Faulkner sobre o realismo mágico latino-americano, há anos, não é mais uma surpresa – ou sua memória no pensamento de Glissant, como prova o título de seu ensaio mencionado. Similarmente, um projeto progressivo de tradução da obra de Maryse Condé no Brasil tem sido observado na última década, bem como, desde a década anterior, da obra de Clarice Lispector nos Estados Unidos. Enfim, Carolina Maria de Jesus foi um modelo para Françoise Ega, antes de essa, por sua vez, ser traduzida no Brasil em 2021<sup>2</sup>. Se tais linhas de contato – complexas, entrelaçadas – puderam ter sido, no passado, ignoradas por grande parte da crítica – em favor de uma percepção de influências linear, centrada no Ocidente, passadista, a qual priorizava a modelização do Norte pelo Sul, segundo cartografias já usadas por Pascale Casanova, Franco Moretti ou Antonio Candido –, o

---

<sup>1</sup> Édouard Glissant, *Faulkner, Mississipi*, Paris, Gallimard, 1996, p. 127. Brugier retoma tal passagem de Glissant na p. 43.

<sup>2</sup> Sobre a influência de Faulkner na literatura latino-americana, ver Antonio C. Márquez, “Faulkner in Latin America”, *Faulkner Journal*, vol. 11, nº 1/2 (*Special Issue: A Latin American Faulkner*), 1995, p. 83–100, acessível em: <http://www.jstor.org/stable/24907719>. Quanto à presença de Maryse Condé no Brasil, depois de duas traduções feitas na virada do século (*Eu, Tituba, feiticeira... Negra de Salém*, de 1997, e *Corações migrantes*, de 2002, ambas pela Rocco), mais quatro surgiram nos últimos cinco anos: de novo, *Tituba* – retraduzido como *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salém* – em 2019, *O Evangelho do Novo Mundo* em 2022, *O fabuloso e triste destino de Ivan e Ivana* em 2024, pela Rosa dos Tempos, assim como *O coração que chora e que ri*, em 2022, pela Bazar do Tempo, no Rio de Janeiro. Clarice Lispector, *Complete Stories* e *Too Much Life: The Complete Crônicas*, Nova York, New Directions, 2018 e 2022. Françoise Ega, *Cartas para uma negra* [1979], São Paulo, Todavia, 2021.

mesmo já não se verifica<sup>3</sup>. Em tal conjuntura, a memória compartilhada da *plantation* – e, mais amplamente, da colonização, na qual aquela se insere – fornece sem dúvida uma linha de reflexão potente para uma nova cartografia pan-americana de trânsitos de formas e de ideias, sem no entanto conduzir – no pensamento de Glissant, ou no de Brugier – a qualquer ideia estável de identidade americana.

De fato, *Marginalité et communauté dans le roman* abre com uma citação de *Faulkner, Mississipi*. Mas não se trata, ali, de estabelecer nem de justificar o horizonte geográfico do exercício de comparatismo literário a ser levado a cabo – o que será feito ao longo do livro –; o que interessa primeiramente a Brugier é sobretudo a leitura particular que Glissant faz de Faulkner, seu olhar sobre uma obra que faria da ideia de comunidade – o Sul estadunidense – seu motor e sua obsessão. A posição particular de tal região no interior dos Estados Unidos passa a ser percebida por sua singularidade histórica e discursiva, por seu afastamento de um dito centro metropolitano em torno da Nova Inglaterra; uma posição que Brugier chama de marginal. É o que acabará por conduzir à sua comparação possível com mais duas obras: a de Maryse Condé, a qual se posicionaria, também, segundo uma situação particular de margem – a da Guadalupe com relação à França hexagonal –; e a de Rachel de Queiroz, a qual teria como ponto de partida o Nordeste brasileiro, também um espaço frequentemente situado em uma margem por narrativas brasileiras oficiais produzidas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, assim como – o que Brugier relembra em companhia de *A invenção do Nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior – por narrativas nordestinas.

Em seguida, Brugier trata de esclarecer conceitualmente esses dois termos, marginalidade e comunidade, que estarão na base de sua leitura dessas mesmas obras.

Em companhia da memória do *spatial turn* que emerge em parte das ciências sociais no século 21, a autora aborda uma história de conceitos como os de desvio e de liminaridade, em suas relações ambivalentes com a ideia de norma (pois estariam tanto afastados da normalidade quanto serviriam de parâmetro para defini-la e confirmá-la). São esses mesmos conceitos que, mais tarde, conduzirão à figura do híbrido instável,

---

<sup>3</sup> Pascale Casanova, *La République mondiale des lettres*, Paris, Seuil, 2008. Franco Moretti, *Distant Reading*, Londres, Verso, 2013. Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: 2º volume (1836-1880)* [1975], Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Itatiaia, 2000. Acrescentemos que, ao longo do texto de Brugier, o Sul faulkneriano é apresentado por meio de uma situação ambivalente, inserido tanto no Norte estadunidense quanto em um mapa vasto de Suis globais, por sua história e sua geografia particulares que o aproximariam de uma circunstância pós-colonial.

retomada extensivamente pelos estudos pós-coloniais indo-americanos, com uma intenção frequentemente subversiva.

No que concerne às imagens de escritoras, de escritores, assim como de indivíduos figurados na literatura, Brugier relembra que o conceito de marginalidade não se restringe à carga semântica saturada de uma exclusão ou de uma vitimização social, mas pode designar personalidades singulares, eventualmente excepcionais, no mais das vezes simplesmente fora da norma. Tal precisão permite que se antecipe os vínculos que serão feitos com Faulkner e Rachel de Queiroz, autores provenientes de espaços que podem ser percebidos como socialmente marginais segundo certas narrativas sócio-históricas, mas que, no interior desses mesmos espaços, ocupam posições de privilégio e chegam a defendê-las sem reservas (trata-se de uma tensão à qual o livro de Brugier é sensível do começo ao fim). O estudo desses percursos singulares é um ponto alto do livro: Brugier não atenua as narrativas que Rachel de Queiroz pôde fazer de si mesma, mas aponta, por exemplo, que tanto seu engajamento com o Partido Comunista brasileiro quanto sua intimidade posterior com os bastidores da ditadura militar são mais firmes e duradouros do que o que a escritora quis transmitir, o que revela um pensamento voltado, durante décadas, para uma necessidade de coesão social, seja para o bem ou para o mal, de maneira construtiva ou letal. É uma acuidade incomum nos estudos queirosianos, que tendem a evacuar a questão ou a aderirem à narrativa de um anarquismo descomprometido construída pela escritora no fim de sua vida. Similarmente, o percurso de Faulkner é apresentado em sua unicidade: de sua discrição à sua aderência a uma edulcorada “via mediana” no que tange à questão da segregação racial do Sul, discrição e aderência em sintonia com alguns anseios da aristocracia branca sulista, até a defesa de um nacionalismo contraditório – tendo em vista sua reticência sulista face à administração federal assim como o absurdo da segregação racial, que anula a retórica libertadora norte-americana e que é um ponto de reflexão central de sua obra – contra o comunismo soviético. Seus romances se dão a ver como um espaço fino de expressão de tal singularidade, pois revelariam “sua própria incapacidade em determinar como permanecer membro de uma comunidade imperfeita ao mesmo tempo em que expõe suas falhas e questiona a validade de seus pressupostos fundamentais<sup>4</sup>”. Se a trajetória de Condé, em perspectiva, tem uma inflexão menos

---

<sup>4</sup> Brugier cita, na p. 92, Thadious M. Davis, *Faulkner's "Negro": Art and the Southern Context*, Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1983, p. 162: “a major cause of ambiguity [...] may well stem from his own

ambivalente que as de Faulkner ou De Queiroz nesse sentido, sua sensibilidade mais direta à injustiça social é permeada pela iconoclastia frequente e complexa de seu olhar e de algumas de suas opiniões – como sua recusa de idealização e de fetichização da África desde o primeiro romance, *Heremakhonon*; sua reticência eventual a movimentos de resistência antilhana, que lhe soam frequentemente centrados em heroísmos masculinistas; sua satirização por vezes polêmica de ativistas revolucionários e de intelectuais porta-vozes, a qual é equilibrada por sua aderência tanto ao marxismo negro durante a juventude quanto ao independentismo guadalupense nos últimos anos –, o que também revela um itinerário singular, dito marginal.

No que tange ao conceito de comunidade, Brugier também atenta à instabilidade do termo, que pode, historicamente, tanto reiterar formas positivas de coletividade e conduzir à afirmação de resistências regionais ou comunitárias quanto, por outro lado, levar à reiteração do uno e do mesmo assim como à valorização de discursos nacionalistas xenófobos. A partir de uma cronologia multifocal, que leva em conta a modernidade e a colonização – com um olhar atento à impossibilidade, no estado atual das coisas, de falar de um ignorando o outro –, a pesquisadora propõe uma história de ideias e de imagens de comunidade a partir das emergências dos estados-nação europeus no começo do século 19, e dos processos discursivos que as acompanham – em companhia do clássico de Benedict Anderson, *Comunidades imaginadas*. Paralelamente, do lado das Américas, observa-se o surgimento, no caso estadunidense, da ideia de um Sul regional, progressivamente cristalizada em torno da lembrança da Guerra da Secessão nas últimas décadas do século 19; assim como, no caso brasileiro, da produção de uma imagem do Nordeste a partir da memória da luta contra e com as secas – tal como analisada no já mencionado *A Invenção do Nordeste* –, nas primeiras décadas do século 20. São exercícios de comparatismo convincentes, ainda que o postulado segundo o qual os discursos produzem as regiões – retomado por Anderson, por Edward Said, por Albuquerque Júnior, compreensível no contexto da crítica pós-colonial em que foi feito – pudesse ser, em nossos dias, por vezes atenuado, apresentado sob um ângulo crítico ou complementado pela ideia de que os processos da cultura e da terra, que formam a região, estão imbricados um no outro mais do que a região seria unicamente projetada

---

*inability to determine exactly how to remain part of a flawed community while exposing its flaws and questioning the validity of its fundamental assumptions”.*

pelos discursos<sup>5</sup>. Já as comunidades caribenhas francesas – pelo desenraizamento instituído historicamente pelo tráfico negreiro, que sugere um laço comum manifesto mas absurdo; por serem o produto de uma colonização ao mesmo tempo exclusiva e assimilacionista – permanecem longamente, nas palavras de Glissant em *Le discours antillais*, retomadas por Brugier, “um Nós a ser conquistado” (Brugier, 2024, p. 98). Do lado europeu, tais conjuntos antecedem ainda a crise da ideia de comunidade no contexto dos totalitarismos e da queda de regimes comunistas ao longo do século 20 – crise que é o assunto de um longo diálogo, de um livro a outro, entre Jean-Luc Nancy e Blanchot –, até levar à necessidade, por exemplo por Rémi Astruc ou Yves Citton, de sua reativação no atual contexto de emergência climática. São percursos complexos, que Brugier traça – podemos supor, a título de eficácia – paralelamente.

A comunidade, Brugier relembra, por fim, pode significar ainda o inverso da organização social no sentido amplo e da adesividade em larga escala, tal como foi um dia defendida por Walt Whitman: em vez disso, seria uma microestrutura íntima, construída e a ser construída; uma ideia experimental de família, baseada em valores compartilhados e na ideia de interdependência, concretizável apenas na microescala. Para que não caiam nas armadilhas conhecidas – fechamento identitário, duplicação de si, purismo, homogeneização, totalitarismos de dimensão variável –, uma e outra forma de comunidade podem acolher, Brugier prossegue parafraseando Agamben, maneiras de organização de si “sem identidade nem pertencimento, a partir do que ele [Agamben] chama de uma singularidade qualquer” (“*sans identité ni appartenance à partir de ce qu’il appelle la singularité quelconque*”), “sem télos” (“*pas de télos*”) (Brugier, 2024, p. 38); ou podem, eventualmente, se abrirem à ideia glissantiana de Relação, levada adiante por meio de gestos simultâneos de abertura e de luta, de comunhão e de separação.

São belas ideias. Vínculos a serem testados entre algumas delas e as obras de Faulkner, De Queiroz e Condé serão levados a cabo ao longo do livro: como a escrita da comunidade regional em Faulkner, em *Luz em agosto*, *Absalão, Absalão!* e *A aldeia*, dá conta dos conflitos raciais internos a essa mesma comunidade e das interferências

---

<sup>5</sup> Tenho em mente o estudo recente de Paul Guillibert (*Pour un communisme du vivant*, Paris, La Découverte, 2021), que busca pensar conjuntamente o trabalho da cultura e o trabalho da terra para uma definição ampla de comunidade. Para uma definição similarmente ampla de região, operada no cruzamento entre os processos humanos e os da natureza, ver Kirkpatrick Sale, *L’art d’habiter la terre: La vision biorégionale* [1985], Marselha, Wildproject, 2020. As próprias linhas de ecocrítica de Brugier, a partir de Faulkner, De Queiroz e Condé (p. 456-478) convidam a uma extensão de sua definição de comunidade.

externas (chegada de estrangeiros em *Luz em agosto*, chegada do próprio ideal do individualismo liberal em *A aldeia*) que parecem fragilizá-la? Como, em *Dôra*, *Doralina* e *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz, o desencontro entre a dita modernidade e formas comunitárias de adesão provenientes do Nordeste conduz a imagens de comunidade (uma tropa ambulante de teatro no primeiro romance, um grupo experimental de cangaceiros no segundo) que parecem estar ora em movimento, ora reverberando uma sociabilidade oligárquica passadista indefensável<sup>6</sup>? Por qual meio Condé, em *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salém*, *Traversée de la mangrove* e *La Belle Créole*, com a ironia que lhe é característica, propõe uma verdadeira reflexão sobre os possíveis e os impossíveis da comunidade – seja na escala da Guadalupe, seja nas microestruturas íntimas – face à memória do regime escravocrata, face ainda à evidência da globalização, em sua relação certa e violenta com os processos de regionalização?

O livro avança com uma reflexão densa mas agradável de se ler, seguindo um movimento de pensamento que prossegue, assim, do contexto externo às obras até as linhas internas dos romances.

Brugier observa como algumas comunidades particulares são construídas nos romances, por meio de separações no tempo e no espaço elaboradas pela narrativa. Por exemplo, a Casa Forte, uma fortaleza construída em pleno Brasil imperial pela protagonista no título de *Memorial de Maria Moura*; ou Frenchman's Bend, o vilarejo homogêneo de *A aldeia*, onde a endogamia prima e o fantasma de um crime compartilhado confirmaria mais um laço comum; ou a comunidade insular, abafada e indesejável Rivière au Sel, em *Traverseée de la mangrove*. As comunidades podem se apresentar, às vezes, à imagem de uma fixidez que reforça a sensação de reclusão, por meio de fronteiras rígidas que lembram os muros de uma prisão – é o caso, por exemplo, da fazenda Soledade, em *Dôra*, *Doralina*, onde os laços comunitários são frequentemente restritos a uma lei coronelista interna ou atravessados por fantasmas de incesto, um e

---

<sup>6</sup> A esse respeito, é de se precisar que, na formação da sociedade cearense, a *plantation* nunca foi um regime preponderante. A economia cearense – mais precária que a pernambucana e a baiana – se baseou principalmente na pecuária e no comércio do charque – e, depois, na cotonicultura e, eventualmente, na cultura do café nas regiões serranas –, o que se vinculou, no que concerne à ocupação da terra, a um modelo de concentração fundiária baseado na usurpação de terras indígenas e nas sesmarias: esse é o Ceará de Rachel de Queiroz. A particular economia açucareira no sul cearense, região vinculada à zona da mata pernambucana, não corresponde ao romance queirosiano. Tal precisão não invalida o argumento do livro de Brugier nem impede que o sigamos, mas suspende a assimilação rápida do universo queirosiano às formas de comunidade decorrentes da imagem de um Nordeste da *plantation*, tornada canônica por Gilberto Freyre, e que foi provavelmente uma imagem familiar a Glissant.

outro afastando a possibilidade de vínculos para além dos laços de mando ou de sangue, frequentes na ficção queirosiana. Um caso similar se observa, também, com relação a Sutpen's Hundred, em *Absalão, Absalão!*, cuja aproximação com o imaginário gótico parece ser uma escolha consciente da parte de um romancista familiar a imagens, herdadas da Idade Média, atribuídas ao Sul estadunidense – e, aliás, ao Nordeste – muitas vezes de forma pejorativa. No texto, os romances podem optar por procedimentos que reiteram efeitos de consenso, logo opressivos, no seio de uma dada comunidade: enunciações feitas a partir de um vago e homogêneo “*the town*”, “*the people of the town*”, “a boca do povo” ou “*l'île*”, às vezes retransmitidas na larga escala por uma cultura de massa acrítica como em *La Belle Créole*; ou afirmações de lugares-comuns, de provérbios e de estereótipos – da *doxa*, seguidamente criticada por Condé – que criam um falso efeito de comunhão. As obras podem, ainda, inscrever rumores na história, os quais – apesar de seu dinamismo e de sua propensão à desestabilização textual – tendem a reiterar narrativas de controle social; fazer uso de um “nós” soberano e eventualmente tirânico; ou, enfim, partir de uma intenção de polifonia – pelo uso, por exemplo, de narradores na primeira pessoa – que acaba conduzindo ao primado de um uníssono ou simplesmente de um “eu”, como ocorre em *Memorial de Maria Moura*.

Não é de se surpreender, assim, que, no movimento da leitura de Brugier, tais formas inconvincentes de fundação comunitária acabem conduzindo à decadência – a famílias arruinadas, a casas incendiadas, a ruralidades e a ecossistemas arrasados –, através de um processo de decomposição que invalida qualquer retorno a ordens simbólicas passadistas, a origens idílicas da comunidade. A parodização de imagens de uma natureza originária fixa e feliz na base de um dado grupo social se dá a ver, ainda, como um procedimento comum a Faulkner e a Condé, por meio de uma leitura que aproxima *A aldeia* e *Eu, Tituba* – a natureza dita comum é, na verdade, o resultado da usurpação de terras indígenas no primeiro romance, e da economia açucareira escravocrata no segundo. Tal leitura permite que se veja melhor, também, o substrato irônico – frequentemente ignorado pela crítica – em *Eu, Tituba*, inclusive no que diz respeito a demandas de uma idealização simplista do comum que podem ter sido atribuídas às literaturas caribenhas. A literatura de Queiroz, por sua vez, no que diz respeito à ideia de um retorno estável a mitos da comunidade – no caso, o sertão, o social regido por fantasias feudais de posse da terra, a lei do mando e do sangue –, é menos

paródica mas não menos desoladora, o que se sugere pelo movimento em *decrescendo* de seus romances, que parece suspeitar a inoperância desses mesmos mitos, no fim.

No que tange a comunidades menos explicitamente fixas e estáveis desde sua apresentação, que já surgem como espaços ambíguos e porosos de fronteira e de interstício, Brugier aborda ainda a presença de estrangeiros ou de figuras de genealogia incerta em Faulkner – em parte negros ou mexicanos, como Joe Christmas e Joanna Burden em *Luz em agosto* –, os quais, na ameaça que afligem a uma ideia conhecida de comunidade, parecem, nas entrelinhas, convidar a um rearranjo. Algo similar é sugerido nas contradições internas a Rivière au Sel em *Traversée de mangrove* – uma comunidade feita por estrangeiros que no entanto fazem do ódio ao estrangeiro sua âncora comum –, assim como na fluidez e na indeterminação do Yoknapatawpha faulkneriano e do mangue condeano, nos percursos narrativos errantes de *Traversée de mangrove*, que insinua uma comparação com as comunidades figuradas, similarmente ambulantes, em *Dôra*, *Doralina* e em *Memorial de Maria Moura*. Às vezes, as comunidades se apresentam como espaços ambíguos no que concerne aos níveis de realidade ou de surrealidade, como é o caso em *O Galo de Ouro* e *Eu, Tituba*, nos quais, sob a influência de visões de mundo herdadas de religiões afro-diaspóricas, se insinua a presença de espíritos. Não raro os vínculos comunitários são dados como instáveis por um outro ângulo: as relações são percebidas como teatralizações de gênero e de raça ora reforçadas ora reversíveis, um e outro artificiais – por conta da própria dimensão performática, conduzida no seio de uma comunidade que se observa, a qual pode se constranger –, o que também pode insinuar, nas entrelinhas, novos possíveis sociais ou, pelo menos, um pensamento crítico a respeito.

Seja como for, Brugier evita, tanto quanto seja possível, apresentar tais mobilidades como soluções simples para vidas em comum por vir, evita apresentar a instabilidade do grupo como uma utopia. O grupo de teatro ambulante em *Dôra*, *Doralina* é lido pelo que é: uma fase de erro – quando o bando se instala no Rio de Janeiro –, sem que no entanto a fase subsequente – o retorno impossível de Dôra à fazenda Soledad no Ceará – consista em uma via narrativa mais firme, por conta da persistência de um espectro colonial à espreita, no presente do texto. Algo similar ocorre com o grupo de cangaceiros em *Memorial de Maria Moura*. A leitura de Brugier da Casa Forte queirosiana evolui de um jeito interessante, parece acompanhar o movimento das

ideias de comunidade por Rachel de Queiroz ao fio das décadas: primeiramente apresentada como uma heterotopia de contestação à imagem de Canudos, a mesma Casa Forte, à medida que o ensaio avança, se dá a ver como uma comunidade que evoca fantasias ditatoriais de senhorio, e que, pior, as atualiza por meio de torções e de manipulações indiretas em um mundo pós-feudal. O nomadismo dos cangaceiros não apaga em nada a violência dos vínculos, violência que acaba por submeter o bando a uma nova – ou nada nova – lei oligárquica, anexionista, racista e, por fim, ao próprio desarranjo do grupo. À escuta dos romances, Brugier parece visar, assim, uma multiplicidade de abordagens e de testes nas leituras das comunidades faulknerianas, queirozianas e condeanas bem como de seus processos, lucidamente mas atenuando a leitura unívoca e respeitando os níveis de opacidade dos textos – como o próprio ensaio propõe a certa altura, por meio de um gesto que pode ser percebido como faulkneriano (Brugier, 2024, p. 326 e 348) – com o objetivo provável de promover uma reflexão crítica ampla, pela literatura, sobre grupos às margens das linhas narrativas produzidas nas grandes cidades ocidentais. É um trabalho rico, que pode se vincular de maneira produtiva a pesquisas sobre comunidades marginais para além da literatura e do campo americano.

Apesar da ausência de utopia ou de ideal na reflexão de Brugier, o ensaio não abdica de apresentar linhas por vezes breves mas onde alguns rascunhos surpreendentes de grupos singulares, do interior dos romances, serão traçados. Encerro minha apreciação com algumas palavras a respeito.

De forma provisória e precária, à maneira de um esboço – sob a memória direta das comunidades desatadas, construídas a quatro mãos por Jean-Luc Nancy e Blanchot, que Brugier evoca no começo do livro –, alguns grupos se insinuam. Em *En attendant la montée des eaux*, um composto evanescente por haitianos, sobreviventes de um terremoto, se reúne para ajudar seus conterrâneos, e indica uma ideia de grupo baseada na solidariedade entre seres vulneráveis. Em *Eu, Tituba* e em *Memorial de Maria Moura*, os campos de *marrons* e de quilombolas são elaborações de comunidades isoladas e, dentro de uma linha narrativa breve que seja, se mantêm à distância de uma macroestrutura social sufocante; em *Eu, Tituba* precisamente, o arranjo frágil a partir de Yao e Abena conduz a uma forma experimental, feliz, de família, num gesto de elaboração que pode se ler como um respiro no interior de um romance severo e irônico. Em *Luz em*

*agosto*, a união breve entre Byron, Lena e uma criança ilegítima insinua arranjos para além das ficções do gênero e da família predominantes em Jefferson, ainda que sejam logo desfeitos pelo romance. Os princípios da companhia de teatro de *Dôra*, *Doralina* equilibram, de algum modo, as considerações tardias, mais cabisbaixas, da narrativa de Dôra. Talvez mais rudimentos pudessem ser encontrados nos primeiros romances queirosianos – o grupo de prisioneiros em *João Miguel*, o grupo de revolucionários fortalezenses em *Caminho de pedras*?

Enfim, alianças entre amigas, amigos e amantes, que abundam nos romances, apontam para uma possibilidade real de comunidade na escala das microestruturas íntimas, que se tornam espaços sutilmente políticos: um grupo de amigas em *Absalão, Absalão!* – o qual suspenderia momentaneamente narrativas saturadas de raça e de gênero na base da macroestrutura sulista estadunidense – ou em *As três Marias*; ou, ainda, a união entre Tituba e o judeu Benjamin Cohen, que insinua um vínculo construtivo entre vítimas da história dita moderna e faz do erotismo uma potência real de liberdade e de subversão. É outro ponto alto do livro. Se a leitura de Brugier parece às vezes forçar esses rascunhos felizes de grupos americanos às lentes europeias de Nancy e de Blanchot – em vez de abrir a uma verdadeira transversalidade epistêmica entre os eixos americanos e francêss, o que seria, por si, um horizonte fértil de comunidade –, tais arranjos microestruturais e inventivos – tais instantâneos de famílias experimentais – sugerem vias para vidas em comum onde às vezes não parece haver nenhuma e podem, por essa razão mesmo, ser acolhidos.

## Referências

BRUGIER, Julie. **Marginalité et communauté dans le roman. Maryse Condé, William Faulkner et Rachel de Queiroz.** Paris: Classiques Garnier, 2024.

**Data de submissão: 27/08/2024**

**Data de aceite: 18/11/2024**